

EDUCAÇÃO E SAÚDE

Vida, vivências, vivido na formação da enfermeira*

Maria Auxiliadora de Moraes** & Silas Borges Monteiro***

Este texto reflexivo-filosófico-educacional revela pela otobiografia a escuta da experiência do vivido, registrado na biografia de uma enfermeira durante o seu processo de formação acadêmico numa universidade pública. A tônica é refletir o vivido a partir da questão: Como é que alguém se torna enfermeira? Assim, apoio em Friedrich Nietzsche que, em sua autobiografia Ecce Homo: Como Alguém se Torna o Que É, reflete a força produtora da constituição de si como autocriação humana. As raízes da individuação têm origem na educação grega da Paidéia, que interligava campos clássicos de conhecimentos da saúde, filosofia e educação, operacionalizando conceitos sobre saúde, corpo, vida para formação e constituição do homem. O sintoma da formação do enfermeiro aponta para a desagregação do corpo, da vida como potência; há resquícios do modelo conventual e ideais ascéticos que mascaram o sentido do trágico na saúde, valoração do conhecimento científico e médico em detrimento da vida.

Palavras-chave: educação, saúde, filosofia, formação da enfermeira

Paidéia: uma formação para constituição de si

Este texto para a seção «Diálogos sobre o Vivido» revela a experiência do vivido registrado na biografia de uma enfermeira, durante o processo de formação acadêmica numa universi-

* Este artigo faz parte das análises preliminares da tese «Como alguém se torna enfermeiro?», a ser defendida no Programa de Doutorado em Educação, Instituto de Educação/UFMT, que recebeu aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – HUIJ/UFMT, no dia 14 de dezembro de 2011, Protocolo de Nº 150/CEP – HUIJ/2011.

** Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso (Mato Grosso, Cuiabá/Brasil).

*** Grupo Estudos de Filosofia e Formação (Cuiabá/Brasil), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso (Mato Grosso, Cuiabá/Brasil).

dade pública. A tônica é disparar o pensamento para o tema vivido a partir da questão: Como é que alguém se torna enfermeira? Para isso, apoio em Friedrich Nietzsche (1995), na sua autobiografia *Ecce Homo: Como Alguém se Torna o Que É*, que traz vestígios da exortação do Oráculo dos Delfos, «Conhece-te a ti mesmo», que sinaliza a força produtora da constituição de si como autocriação humana.

As raízes da individuação têm origem no passado helénico, na educação grega da Paidéia, cuja formação do homem agregava uma visão cósmica do mundo para «a formação do corpo como para a do espírito», como escreve Jaeger (1994: 1003). Não por acaso, durante o século V, começa a assimilação do pensamento da medicina da época pelos filósofos, os quais passam a ser, simultaneamente, *filósofos e médicos* (*ibidem*: 1008). Assim, o sentido da formação pela Paidéia é configurado por campos clássicos de conhecimentos: a saúde, a filosofia e a educação, que dinamizam conceitos e se integram no processo formativo humano. Zoja (2000) escreve que a individuação é uma atividade imposta para si mesmo pelo homem, relacionado com a sua natureza humana. Na contemporaneidade a palavra alemã *Bildung* é a que traduz a noção da educação pela Paidéia, por trazer o entendimento da formação humana sem fins utilitários e externos a si mesmo.

Nas obras de Friedrich Nietzsche há recorrência da associação entre filosofia e saúde, constituindo-se, assim, «uma “nosologia do pensamento”, que não se reduz a um estado meramente fisiológico, mas revela a cultura de um povo», como escreve Rocha (2011: 71). Nietzsche (2001a: 10) escreve em *A Gaia Ciência* que «poucas questões são tão atraentes como a da relação entre filosofia e saúde».

O processo da ausculta do vivido

A dinâmica para ausculta do vivido na biografia da enfermeira caminha na direção de se experimentar o incómodo que mais o afeta na sua vivência. Segundo Monteiro (2006), a orientação que possibilita dinamizar a ausculta da vida, vivência, advém do conceito filosófico da otobiografia de Jacques Derrida (2009). Essa dinâmica foi apresentada pela primeira vez por Monteiro (2004), na sua tese de doutoramento, na qual reorientou o conceito da otobiografia como constructos teóricos e metodológicos para dinamizar as pesquisas em Filosofia da Educação, aproximando as filosofias da diferença que se filiam ao pensamento de Friedrich Nietzsche. Para Monteiro (2006), otobiografia é ouvir a biografia. Pois, essa biografia é atravessada pela vida (*bios*), vivência e vivido, a partir do estilo e processo de individuação, diferenciação que se move enquanto força, potência e afeto.

Essa experiência faz-se pelo despojamento dos arranjos metodológicos, que seguem o

princípio da identidade temática, pois cada biografia constitui uma marca singular que se atesta e se afirma pela assinatura do nome próprio. E a análise segue a ideia de perspectivismo nietzschiano, que não busca critério externo para contrapor ao texto biográfico, a fim de atestar uma verdade. Interpretar é vivificar as diversas perspectivas, que expressam os seus estados de força e afetos, pois como escreve Nietzsche (2001a: 241), em *A Gaia Ciência*, que afeto é vasão de um estado de força que prepondera e ele é «o decisivo emblema da soberania e da força». Assim, para Nietzsche (1998: 241), em *Genealogia da Moral*, «quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso “conceito” dela, nossa “objetividade”».

O sintoma de adoecimento

Escrever sobre o vivido é dizer sobre o sintoma da vida, vivência na formação da enfermeira, trazendo os afectos, *pathos*, força, potência como luta dos impulsos e instintos, que são fundamentais para compreensão de todas as atividades humanas, uma vez que «toda ação, toda ideia, toda manifestação humana é considerada um sintoma de um estado corporal» (Barrenechea, 2011: 39). Em Nietzsche, o corpo é definido pelos estados biológicos, tecido por aspectos médicos que comparecem como categorias de forças vitais, que transitam nas temáticas de saúde, fraqueza, doença, força e ganham vivacidade. O corpo é concebido pela sua efetividade no mundo. E qualquer ideia metafísica ou cristã (além do mundo) sobre o corpo tenderá à sua fraqueza ou sintoma de doença. Segundo o filósofo, é importante partir do corpo e da fisiologia para se conhecer a cultura de um povo:

É decisivo, para a sina de um povo e da humanidade, que se comece a cultura no lugar certo – não na «alma» (como pensava a funesta superstição dos sacerdotes e semi-sacerdotes): o lugar certo é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o resto é consequência disso. (Nietzsche, 2006: 97)

Pelo primado fisiológico, Nietzsche critica toda a ideia abstrata sobre o corpo advinda da idealização platônica, base do cristianismo, da clivagem cartesiana mente/corpo, do imperativo moral kantiano «tu deves», ou seja, da tradição metafísica que ainda perpetua na cultura ocidental e ainda reflete na formação em saúde em geral. A partir dos aspectos fisiológicos, Nietzsche volta-se para a singularidade do corpo e, em *A Gaia Ciência* (2001a), ele recupera o sentido da Paidéia, trazendo a ideia do médico e filósofo, aquele que ausculta a doença, traça o sintoma do adoecimento na cultura, a partir de uma compreensão sobre a constituição do homem em relação à sua vivência no mundo, justificando, assim, o caráter experimental e prático da filosofia e clínica. Deleuze (1997: 13) escreve que «O mundo é o conjunto dos sin-

tomas cuja doença se confunde com o homem». E é pelo *sintoma* que se revela o *estilo* de cada um em sua efetividade vivida.

Marton (1986: 24), leitora de Nietzsche, escreve que a filosofia deve ser crítica, e a atividade filosófica é auscultar as ideias tidas como verdadeiras e proceder aos seus diagnósticos, a partir de uma perspectiva da vida: «Pereat veritas, Fiat vita! – Morra-se a verdade e faça-se a vida!». E no percurso de se auscultar o sintoma clínico na formação em enfermagem, os ecos que aparecem e me afetam valem-se de uma crítica à subjetividade reproduzida nos meandros institucionais: universidade, hospital, centro de saúde, policlínica e outros espaços, pois a formação da enfermagem é assim: no confronto com a vida (*bios*) – de tão vivida – corre-se o risco de anunciar a sua morte (*thanatus*) prematuramente. Esconde um sintoma de vida adoecida que mascara a potência de se tornar enfermeira, no seu processo de individuação, traduzindo o seu vivido numa ausência de celebração contínua da vida. Esse sintoma tem as suas próprias leis, num território encapsulado que marca a mortificação do corpo, cuja reprodução é decorrente dos processos dominantes de subjetivação (de poder e saber) nos diferentes espaços de saúde.

Genealogia: a origem da desagregação da vida e do corpo na formação em enfermagem

Nietzsche sempre criticou os historiadores modernos que mumificaram os seus dados históricos e mantiveram os seus conhecimentos desvinculados da vida. Entretanto, o filósofo escreve sobre a importância de se proceder ao método genealógico, uma vez que «as questões metafísicas, religiosas, morais não são geradas num âmbito transcendente, eterno, além das vicissitudes concretas da vida», como reflete Barrenechea (2011: 38), na esteira nietzschiana. Para Wotling (2011: 43), «a genealogia se opõe à tradicional busca da essência e, de modo geral, desqualifica qualquer ideia de um dado sem origens». A tônica do método da genealogia nietzschiana é substituir o sentido da verdade pelo questionamento da problemática do valor.

Nesse sentido, negar a gênese da formação é negar o estatuto do corpo, a relação desse corpo com a vida na trajetória da enfermeira, que traz um estado de força, um valor que acompanhou a trajetória da idealização da profissão pela sua precursora Florence Nightingale (cit. in Kruse, 2006) que registou o que é enfermagem:

A enfermagem é uma arte e, para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso como a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo – o templo do espírito de Deus. É uma das artes; e eu quase diria a mais bela das Belas Artes. (*ibidem*: 406)

E essa definição ainda reflete uma soberania dualista paradoxal: ao mesmo tempo que a profissão é uma arte que trata de um corpo vivo, com todos os seus impulsos, afetos e respostas orgânicas fisiológicas do processo vital-vida, este mesmo corpo somente adquire a sua compleição sob o manto metafísico que traduz um significado como «o templo do *espírito de Deus*». Essa idealização reflete o pensamento do *ideal platônico* (Platão, 1979) que busca no suprassensível uma identidade de perfeição – forma pura, uma realidade inteligível, em contraposição à realidade sensível ou aparente, cujo valor é de segunda ordem, por ser cópia deficitária, imperfeita, um simulacro da forma pura. Para Platão, os sentidos e o corpo enganam a sabedoria, falseiam a verdade, por surgirem de um conhecimento de segunda ordem, ou seja, da opinião (*Doxa*).

Essa idealização, após expurgar toda a vida criativa, passa a representar o homem pela fórmula «*animal rationale* e a fórmula teológica da *imago Dei*» (Fink, 1985: 170). Essa formulação metafísica determina a visão do mundo, concedendo a primazia do transcendente sobre o imanente, as palavras ditas sobre o narrado, o universal sobre o singular. Essa visão plácida sobre o corpo permite que se pergunte se não foi a doença que inspirou essa idealização? Nietzsche (2001a: 12) escreve, em *A Gaia Ciência*, «se até hoje a filosofia, de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e *uma má-compreensão do corpo*». Pois, para o filósofo esse ideal revela uma cultura que esconde más compreensões «da constituição física, seja dos indivíduos, seja de classes» (*ibidem*: 12). E, por conseguinte, revela os sintomas embutidos sobre a forma de códigos normativos e de conduta e regras morais, os quais se alojam e criam raízes profundas nos estados fisiológicos daqueles que fazem parte dessa cultura. Gestaldo e Meyer (1989) escrevem no artigo *A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento* que os aparatos morais e disciplinares ainda conservam como uma marca indissociável no processo de formação da enfermeira.

Assim é o vivido...

A essência de si e a generalização dos estados de saúde

E muitas biografias já foram contadas e descritas sobre o processo vivido durante a formação... E mesmo que se queira apreender o processo de formação da enfermeira, o vivido jamais é aquele que ela suporta. Há sempre um peso incomensurável em atribuir-se uma responsabilidade moral maior em relação às contingências do ato de cuidar em saúde. De certa maneira, isso contribui para uma recorrência de queixas que passam pela temática da solidão, angústia, doença, morte e outras.

E o vivido pela enfermeira durante a sua formação profissional traz a força de preservar um ideal asséptico, o que se transfere para a vida. Ensina-lhe que se deve combater o patógeno invisível a todo custo. O combate, contra esse inimigo imaginário, é ensinado aos alunos no início da disciplina profissionalizante do processo de cuidar, e acontece pela reprodução de técnicas rigorosas, processo de limpeza, esterilização e ordem no ambiente de saúde. De certa forma, é uma maneira de se resguardar de quaisquer ameaças que venham a interferir na sequência da rotina dos seus afazeres.

Essa ideia de excesso de racionalidade asséptica compara-se ao *modelo de pureza*, escrito por Bauman (1998), que tem ocupado uma posição privilegiada desde os primeiros anos da Idade Moderna. A pureza é um ideal, uma visão da condição que ainda será criada. É uma visão da ordem, que significa um meio de regular e estabilizar os nossos atos para que eles não estejam distribuídos ao acaso, mas organizados numa hierarquia estrita. E o oposto da «pureza» é o sujo, que não é tão-somente a sua característica intrínseca de sujeira, mas a sua localização na ordem das coisas idealizadas pelos que procuram a pureza. Assim, o autor ajuda-nos a refletir sobre essa racionalidade asséptica, uma vez que ela é criada como forma de manter os diferentes sob o exercício de extremo controle, visto que «o que alcança o nível da consciência e desperta a atenção não é tanto a rotina de eliminar a sujeira quanto a prevenir uma não-habitual e fortuita *interrupção* da rotina» (*ibidem*: 20).

Contudo, independentemente desse processo «asséptico» nas instituições de saúde, a vida repete-se incansavelmente e insistentemente: as mesmas necessidades fisiológicas do corpo como respiração, eliminação, alimentação, sono; essas repetições são próprias do estado vital que favorece combustão ao corpo e move os impulsos, os batimentos cardíacos, os quais respondem até às últimas consequências contra os estados patológicos quando ameaçados pela morte... *A vida convida para celebração ou negação*. E a vida não se dobra aos processos dominantes do humano! A formação da enfermagem é tecida pela *vida*. E há outro sentido que não seja o de se afirmar nessa própria vida? Mas, o que é vida? Em *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche escreve que a vida e a vontade de poder se misturam. E a sua formulação para a vida é de que «Somente onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de poder!» (2011: 110).

Outro fato que marca a trajetória do vivido pela enfermeira deve-se ao esforço de se buscar um padrão externo a si mesmo, elaborado com leis, ritmos e signos para manter uma lógica de preservação de uma essência coletiva do «*ser enfermeiro*». Talvez isso ocorra devido ao forte apelo de se construir uma «identidade» profissional, com vista ao fortalecimento e reconhecimento social da profissão. De certa forma, todo o processo que traz como meta uma homogeneidade coletiva retira a potência de autoformação da enfermeira, pois, quando o corpo insiste em marcar a sua presença, preso à identidade do enfermeiro, perpetua a sua

fixação na clausura, condena-se a habitar o corpo que se arrasta pelo peso de um sentimento de culpa por qualquer vestígio de diferença, que porventura se vier esboçar. Há uma busca de vontade de verdade implacável, que debilita a enfermeira de se voltar para si e encontrar a vontade de potência na vida que a atravessa. Com isso, há uma relação de amor e ódio por esse corpo que busca uma essência – *ser* enfermeira – por meio de um jogo de espelho que reflete a imagem platônica de um simulacro... O vivido na instituição de saúde, por meio das ações do cuidado, rende-se à norma, à regra pré-estabelecida, as quais normatizam todos os estados do processo saúde-doença: onde há a norma, há saúde, quando se escapa da norma, há um estado patológico. Essa concepção revela o «fato coercitivo coletivo» que se pactua com o pensamento da generalidade, sem nenhuma flexibilidade para o vivente instituir normas diferentes, em condição diversa e adversa, para a sua saúde ou doença e que lhe possibilite conviver melhor com as manifestações singulares do seu próprio corpo. E na reflexão canguilheana a saúde é «uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador, mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais» (Canguilhem, 2010: 152). Algo como um corpo criador de si, como ensina Zaratustra, personagem nietzschiano, em *Assim Falou Zaratustra* (2011).

O corpo sem órgão como potência

É pela generalização dos estados corporais que se forma enfermeira para cuidar em saúde com preceitos científicos da tecnologia, técnica, manual, aparelhos, instrumentos, inovação no campo fisio-pato-farmacológico e um aparato de diagnóstico, que cada vez mais decompõe o corpo para o classificar de forma reducionista. Mas é através do corpo que se descobre sermos criatura de impulso e necessidades biológicas: comer, beber, dormir e outras situações que são as que nos proporcionam uma efetividade real na *vida* e uma potência vital, que permanentemente é modificada conforme as experiências de vida, saúde, adoecimento, nascimento, desenvolvimento e morte – é lícito olhar para o corpo, ensinar sobre o corpo, a partir da organização hierárquica das suas vísceras, órgãos, redes venosas, sinapses nervosas dispostos em planos e quadrantes tal como previamente dado e acabado pela obra da criação divina?

Nietzsche deixou como herança a tarefa de se pensar o corpo singularmente: o corpo devir, um corpo potencialmente criador de si, sem juízos valorativos no emaranhado da sua organicidade. E trilhando nessa perspectiva, o poeta Antonin Artaud (1975) escreve que o corpo não é uma substância encarnada, pois corpo é corpo e não uma organização de órgãos. Contra o corpo da anatomia que Artaud fez ressurgir nos seus textos, um novo corpo humano, cuja potência é marcada por explosão de figuras desfiguradas, que são opostas de

sentido e de representação cristalizados na saúde. É nessa lógica de explosão do sujeito que Artaud (*ibidem*: 31) expressa, em *Para terminar com o juízo de Deus*, «Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como nos delírios dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar». Deleuze (1997: 148) escreve, ao ler Artaud, que criar um *corpo sem órgãos* é escapar de todo juízo divino, por sê-lo «um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares e gradientes», um corpo de intensidade múltipla que se apodera das forças e poderes imperceptíveis, explodindo, assim, com os juízos de verdade.

Entretanto, na formação em saúde e enfermagem conceitua-se o corpo e seus órgãos a partir de fragmentos anatómicos, ensinando ser possível obter acesso à totalidade do vivente através das partes orgânicas. E há uma avidez pela técnica que infiltra no ideário da saúde através de imagens sofisticadas e computadorizadas para desnudar esse corpo, que é percebido como uma mancha, um ponto, uma sombra. E o portador desse corpo torna-se cada vez mais invisível nesse laminado dos planos traçados pela cientificidade. E a formação da enfermeira é direcionada para cuidar desse alguém que se tornou fantasmagórico, ao adentrar no ambiente de cuidados em saúde, independentemente da complexidade de atendimento e da dinamicidade assistencial.

A formação em saúde e em enfermagem estrutura-se sob dois domínios de conhecimento e significados: a técnica e o corpo do doente, os quais, muitas vezes, caminham separados. O corpo do doente configurado pela doença, sofrimento físico e fortemente marcado pelos componentes internos emocionais de angústia, medo e desesperança, que nem sempre são filtrados em função de uma urgência externa movida pela racionalidade técnica. A crítica à técnica que invade as operações mentais, sensitivas e motoras no início da profissionalização da enfermeira não é sustentada por uma bandeira em prol da «abolição da técnica», o que seria impossível devido à complexidade tecnológica que envolve o cuidado em saúde, o que me parece às vezes útil. A crítica não é da técnica, mas é da sua neutralidade que assume um valor na relação com o vivente.

O estilo nietzschiano percorre o texto de *Ecce Homo* (Nietzsche, 1995) e marca a vivência, impregnado pela experimentação dos estados de saúde e de doença e pela potencialidade do corpo. Essa intensidade corporal foi exposta pela primeira vez no século XVII por Espinoza (2004: 186), em sua *Ética*, que constatou: «ninguém até o presente, determinou o que pode o corpo». E Nietzsche (1995) experimentou a saúde, o adoecimento, a depauperação da força, as coisas pequenas como alimentação, clima, habitação, dieta espiritual, limpeza e outras questões fisiológicas que possibilitam o revigoramento da potência da organicidade do corpo, conduzindo-o para a grande saúde. Ele ensinou-nos que a vida é para ser vivida na sua efeti-

vidade, ao invés de a denegarmos em prol de valores como naturalmente dados. Ele detectou o sintoma, a clínica em si mesmo e na cultura moderna, o que nos faz refletir: filosofia, educação, saúde interlaçam-se pela intensidade e afirmação da potência na vida.

O esvaziamento de si que escorre na relação com o tempo produtivo em saúde

O vivido nos meandros dos espaços institucionais de saúde, que contribuem para a formação das enfermeiras, assume uma unicidade diante da uniformidade monótona e mecânica que controla gestos, impulsos ou instintos. O tempo nas instituições de saúde configura-se pelo tempo cronológico da imediatividade; não é o tempo qualitativo experimentado, o que marca a alienação de si – *sufoca-se a vida* –, gerando o esvaziamento de toda experiência nos encontros vitais. E nesse entorno é como se deixasse ludibriar-se pelo processo da morte em vida, comparando-se à situação de *Sísifo* – personagem da mitologia grega – que enganou por duas vezes a própria morte e foi condenado pelos deuses a rolar, por toda a eternidade, uma pedra pela montanha acima e vê-la, em seguida, rolar para baixo, ao ponto de origem onde recomeçava o ciclo novamente; ele repetia essa tarefa diariamente e, por não se bastar somente disso, esse fardo movia-se pela ausência de qualquer sentido (Zoja, 2000). O vivido durante a formação acadêmica da enfermeira – por analogia – é como se se apossasse da pedra de *Sísifo* por repetir os mesmos esquemas burocráticos, utilitários e normativos, que se revestem de certa sacralidade; e, ao dramatizar-se essa sina, mergulha-se cada vez mais numa cultura que traz para si as obrigações, incumbências sem nenhum processo criativo que possam promover a consciência e a crítica para se afirmar em *Como Alguém se Torna o Que É*, no seu processo de *autodevir*. Entretanto, diferentemente da interpretação sobre o mito de que o trabalho é um castigo terrível, inútil, sem nenhuma esperança e que remete ao sintoma dramático da vida, talvez a saída desse suplício seja tornar-se consciente da grandeza do trabalho da enfermagem na saúde, revigorando na formação de enfermagem o sentido do cuidar em saúde no seu aspecto trágico, como escreve Albert Camus (2002: 149) em o *Mito de Sísifo*:

Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? (...) A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória. (...) Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos.

E a enfermeira não narra e diz sobre si, esquivando-se da experiência vivida do instante devido ao bombardeio de informações geradas pela confusão, pela urgência do processo terapêutico que, repetidamente, cobra pelo tempo disciplinar, tempo medicamentoso, tempo do trabalho mecanizado, tempo do minucioso proceder da técnica – *relógio andante* – verdadeira mecâ-

nica que mede o tempo humano, inclusive de como ele não se apreende sobre si nesses incontáveis modos de experimentar os processos vitais. E, ao acionar a mecânica do relógio, rompe-se a ligação entre a vida e a reflexão; época do pensamento abreviado, de pouca reflexão e muita repetição de padrões já estabelecidos, sem nenhum processo de diferenciação.

Há uma impressão de que esse tempo encurta cada vez mais diante da vasta complexificação dos aparelhos para monitorar vidas nas instituições de saúde. Quanta ironia: aumenta-se a tecnologia com o intuito de diminuir o tempo do processo produtivo do trabalho nas instituições de saúde, mas acontece o seu reverso, que é a precarização do trabalho humano, a sua automatização. Parece existir perpetuação de uma formação para adequação de uma postura frágil e impotente que está sempre a serviço da regulação harmoniosa de todo o aparato terapêutico que não se cansa de produzir subjetividades (re)produtivas e silenciosas a fim de mover o processo maquinal humano. Essa complacência seria um vestígio secular de uma formação que ainda se molda pelo jogo invisível de *uma auto servidão conventual* ou seria uma forma *auto imposta* pelas estruturas institucionais, políticas, educacionais?

Nietzsche (1998), nos seus escritos, em *Genealogia da Moral*, faz menção ao trabalho como uma forma de atender ao ideal ascético, cuja vontade humana é direcionada para executar as finalidades do «além da vida». E para isso exige-se um corpo doutrinado, alienado, automutilado, sacrificado e suprimido de todas as possibilidades de expansão dos afetos e potência.

Calam-se as sensações acerca da vida

O vivido da enfermeira trafega em informações e explicações, perdeu-se o *viço* por ele não narrar sobre a vida que envolve a sua formação. Esse processo é como se entorpecesse, anesthesiasse as outras formas de sensibilidade para contar sobre si, a partir de um quadro valiosíssimo que atravessa todo o processo vital da experiência humana, enquanto finitude de um corpo imanente. Com isso, a própria reflexão sobre si torna-se empobrecida, pois a capacidade sinestésica de captar a vida, com as suas metáforas, a partir de um jogo entre a interioridade e a exterioridade, foi substituído pela fala, pela *voz*... Assim, as informações giram em torno das conversas e ações técnicas que atravessam o cotidiano da enfermeira; outras vezes, essas informações referem-se ao apego ao desenvolvimento tecnológico e da pesquisa científica e suas falsas esperanças – *Mito do Prometeu*, que tem o fogo da iluminação do conhecimento (Zoja, 2000). É uma analogia ao corpo que sofre em função da racionalidade científica que promete grande progresso à humanidade.

De certo, uma formação que não se volta para o espaço da interioridade de si reproduz uma «clínica», como escreve Foucault (1998), que valoriza «o espetáculo» descrito pela linguagem e

transforma o sintoma em signo, o doente na doença numa sequência inteligível de ver e saber, cujo olhar sistematizado é que interpreta e impõe rubricas ao mundo da saúde, e, segundo Brum (1986: 33), este «mundo simplificado que será conhecido (ou designado) pela ciência».

E o vivido perdeu o seu encanto, talvez por que «*bã muitas auroras que não brilham ainda*», como se expressa Rigveda na epígrafe da obra *Aurora de Nietzsche* (2004); talvez porque não consegue dizer sobre a vida além daquilo que já fora dito pela linguagem racional dos conceitos científicos em saúde; talvez porque a vida contada a partir dos meandros dos ambientes de saúde traz a conotação de um corpo dissecado, da fisiologia de causa e efeito, da patologia e seu povoamento pelos diversificados patógenos que causam doença; talvez isto se deva pela certeza absoluta que trazem, desde uma época remota, de que na vida relatada só há verdade quando é dita através dos fatos objetivos; talvez por trazer no ideário da profissão de enfermagem a cisão entre o corpo e o espírito, a razão e o instinto. Mas novos tempos se anunciam! *Perda do numinoso...* O que talvez traga todo desconforto estomacal, náusea e enfatiamento ou traga ares convulsionais devido à simplicidade da vida... «Mas há quem se preocupe com esses perigosos “talvez?”» (Nietzsche 2001b: 12). Falta-lhe ainda coragem para pronunciar a vida na sua reentrância natural, sem artifícios, sem próteses, sem ficção científica... E isso é indício de que precisam ouvir a máxima da personagem Zaratustra, de Nietzsche (2011: 140): «tens de voltar para a solidão: pois deves ainda ficar tenro» para que amadureçam para os seus frutos, estes já estão maduros e já está no tempo de os apreciar.

E a educação em saúde em geral pauta-se por um modelo representacionista, base do pensamento moderno que enfatiza um mundo ideal suprassensível, a supremacia do *eu* pensante e do sujeito autônomo que elabora a base segura do conhecimento, da moral e se firma como senhor da sua própria história. Tanta certeza do fundamento da realidade para se formar em saúde! Qual formação é tão poderosa a ponto de supor com tamanha precisão a medida e o critério de todas as coisas para se conduzir a vida dos corpos nas instituições de saúde?

E Nietzsche, em *Crepúsculo dos Ídolos*, estraçalha essa certeza. Para ele, o mundo verdadeiro tornou-se finalmente uma fábula, onde a história contada desse mundo é um grande erro; assim, o mundo que se apresenta ao homem plasticamente, com formas, sentidos, necessita ser reinventado: «abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? o aparente talvez?... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente.*» (2006: 32). O filósofo aponta o equívoco não só no domínio da metafísica, como também mostra o engano perpetuado pelo pensamento positivista que, ao desqualificar o mundo suprassensível, considera o mundo sensível como verdadeiro, o que apenas mantém o reverso da dicotomia instaurada pela metafísica (Marton, 2010). E ao conceber que o mundo é um (re)criar constante, uma fábula, ele transforma-se num grande cenário onde se apresenta a cena da vida com o seu ritmo, o seu tempo próprio: é sempre um enigma ao abrir a grande e colorida cortina! – A vida deixou

de ter o poder e o dom da ubiquidade... E a enfermeira, por vivenciar cotidianamente a vida como o devir no processo saúde-doença dos viventes, pode (*poderia*) adquirir outras perspectivas sobre valor da vida e, com isso, «transvalorar os valores» instituídos como escreve Nietzsche em *Ecce Homo* (1995: 23), «por que sou tão sábio».

Vivificar a vida e a morte: o sentido do trágico na formação

É preciso vivificar a vida! E falar do vivido implica entrelaçar a vida, a biografia, a assinatura do seu autor, o corpo. E Derrida (2009) tematiza a vida, em *Otobiografias: Os Ensinos de Nietzsche e a Política do Nome Próprio*, a partir da escrita nietzschiana em *Ecce Homo*, numa dupla vinculação: thanatológica e o thanatográfica.

Lo que llamamos «vida» – cosa u objeto de la biología y de la *biografía* – no tiene frente así, primera complicación, algo que sea para ella un objeto oponible, la muerte, lo tanatológico o lo tanatográfico. La «vida» también *padece* para convertirse en objeto de una ciencia, (...) todas las ciencias que conquistan su cientificidad sin demora ni residuo son ciencias de lo muerto. (*ibidem*: 32)

Mas, uma advertência: a morte e a vida, ambas enigmáticas, não se apresentam como sentido oposto de anulação no processo vivencial, mas apresentam-se com toda a sabedoria trágica, desvinculada de qualquer idealização do mundo. Como escreve Nietzsche em *A Gaia Ciência*, «Guardemo-nos de dizer que a morte se opõe à vida. O que está vivo é apenas uma variedade do que está morto (...). Guardemo-nos de pensar que o mundo cria eternamente o novo» (2001a: 136).

Vida-morte, processo pelo qual não há nenhum propósito, finalidade, muito menos acaso; o que não se justifica com a excessiva angústia nesse ambiente de formação onde se preza todo o saber para eternizar a vida – à custa de todo aparato artificial –, negando a tragédia da doença, da enfermidade, da efemeridade do corpo e da morte. E, assim, utilizam-se todos os meios para encobrir uma realidade que se julga cruel, embora para Rosset (1989), leitor de Nietzsche, a crueldade é a natureza trágica da realidade, que é irremediável e inapelável. Nietzsche (2009) defende a renúncia do abrigo metafísico para se adentrar no sentido trágico da vida, uma vez que a ausência desse sentido resultaria numa imagem sombria a toda humanidade. E, caso se perdesse o sentido trágico, ecoaria um grito de dor sem igual. E para Nietzsche ter sentido trágico é quando:

O indivíduo deve se consagrar a algo suprapessoal – assim quer a tragédia – ele deve desaprender a angústia terrível que lhe inspira a morte e o tempo: pois, no mais breve instante, no mais ínfimo átomo do curso de sua vida ele pode encontrar algo sagrado que compense abundantemente toda luta e toda necessidade – isso significa ter o *sentido trágico*. (*ibidem*: 67)

Ao fugir da trágica situação de fragilidade humana, que na saúde se traduz pelo processo de perecimento, adoecimento e morte, desvincula-se a vivência do instante, onde os jogos dos processos vitais se lançam aleatoriamente e, portanto, fogem de qualquer controle humano. Em razão disso, a vida é aprisionada de maneira claustrofóbica com o intuito de deter os processos vitais que se depauperizam. Assim, é possível viver na mentira, representando uma cena cuja máscara esconde a incompatibilidade com a pulsão da vida imanente, a sua efetividade e o seu devir. A incompletude e a impermanência da vida!... No final, o que sobra é apenas compartilhar o mal estar em comum entre os homens que é a compaixão, uma maneira de se redimir e adentar na esfera suprassensível, uma vez que ela lembra o martírio do corpo de Cristo.

Com isso, o que se ouve de maneira ruidosa é o sofrimento da doença que acomete o vivente e qual o «melhor remédio» para o extirpar, numa perspectiva de minuciosa especialidade que fragmenta o corpo. E uma das maiores armadilhas na formação encontra-se nessa fragmentação do corpo, que é ensinada em diversas disciplinas na área da saúde. Pois, se o corpo é o que determina a proximidade entre a enfermeira e o vivente, por meio das práticas efetivas do cuidado em saúde, essa fragmentação significará, potencialmente, uma profunda cisão nessa relação. Em certo sentido, a fragmentação do corpo seria, por analogia, a ruptura com o mundo existente, pois o corpo fragmentado interromperia essa ligação, o que leva a uma permanente descontinuidade entre o corpo e a vida, uma disjunção em relação às coisas, passando a ser uma representação cartesiana e a sua clivagem, que invadiu o pensamento em saúde.

O traço da cena biográfica: a formação (anti)trágica em enfermagem

[É necessário] que a agonia seja efetiva e percebida pelos outros; só a esse preço é que a escrita existe verdadeiramente. (Artaud, 1975)

Meu nome é Maria Imaculada, tenho 25 anos, sou natural de Rosário-Oeste, nasci em 25 de janeiro de 1987, prestei vestibular em 2005, mas ingressei na faculdade em outubro de 2006, em decorrência de uma greve anterior, e formei-me em dezembro de 2010. Não estou a trabalhar por enquanto, por falta de oportunidade e também porque não consegui algo que fosse compatível com aquilo que tracei para a minha vida. Escolhi a enfermagem como profissão, embora desde a formação ainda esteja vago para mim o que é o cuidar. Eu penso que o cuidar é saber dar atenção no momento certo; é resolver a situação do paciente. Eu receio não prestar um bom cuidado ao paciente, para que ele não venha a óbito ou a ter alguma complicação maior, pois estamos a lidar com a vida.

A vida... é um bem muito precioso que a gente tem. A gente fala assim: está vivo, pois o coração está batendo. A gente tem uma alma... Acredito muito nisso... que não somos somente o corpo físico aqui. A vida é dada por Deus.

A formação em enfermagem ensinou-me a lidar com a vida de forma mais racional. E a enfermagem ensinou-me os mecanismos para que um corpo se mantenha vivo e o coração continue a bater. Durante a formação ensina-nos muito sobre o corpo a partir da anatomia, fisiologia, fisiopatologia para manter funcionando e vivo o corpo humano, possibilitando também utilizar esses mesmos conhecimentos no cuidado com paciente. (...) E no hospital você vê que muitas doenças são decorrentes dos vícios; todo o mundo sabe que é errado fumar, beber... Então, quando você cuida de alguém com câncer de pulmão ou com cirrose hepática em estágio terminal, você acaba se perguntando se isso poderia ser evitado, ou mesmo alguém que se tenta suicidar e você não consegue reverter isso. Porque eu tenho amor à minha vida... e imagino que essas pessoas também tinham amor pela vida delas.

Eu penso que todos têm que respeitar a vida... Você não pediu para nascer, mas você está aqui... Você tem um plano que foi destinado para você cumprir nesse mundo. Por isso que eu falo do amor a essa vida...

Ao iniciar a fase da profissionalização, aprendemos os procedimentos em enfermagem no laboratório de enfermagem. Primeiramente era explanado o conteúdo teórico sobre assepsia, esterilização, contaminação, banho no leito, sondagens e medicações e outras técnicas; depois praticávamos essas técnicas recém aprendidas em bonecos. E havia muita dificuldade para eu reproduzir essas técnicas aprendidas no laboratório com pacientes, o que resultava em insegurança diante de um possível fracasso, talvez pela angústia do paciente ao perceber que uma estagiária realizaria o procedimento. Talvez pela cobrança excessiva para não errar, não contaminar. (...) No quinto semestre, a ênfase se pautou na disciplina de saúde do adulto em relação às doenças: hanseníase, tuberculose, hipertensão, renal e diabetes etc. (...) E a gente foi construindo picadinho, juntando. Quando chega o último semestre, vem a disciplina de gerenciamento em enfermagem. (...) Este foi direcionado para ações burocráticas e tarefas do tipo: buscar «irregularidade» na clínica como lâmpadas queimadas, tomadas mal encaixadas, vazamentos ou entupimentos em banheiros e outras tarefas. Era ação que não tinha relação direta com o cuidar de alguém. ... Durante a época do estágio eu cuidei de um senhor bem emagrecido, e tive que passar uma sonda nasoenteral para ele se alimentar. E, no outro dia, eu cheguei ao hospital e passei pelo quarto onde ele ficava, mas ele já se encontrava noutro quarto semi-intensivo; ele necessitava de cuidados intensivos e especiais, pois estava num estado muito grave. A sua esposa disse-me que ele estava recebendo os cuidados sem perspectiva de cura, que ele estava esperando para morrer. Aquilo foi muito triste para mim, um choque. Outro dia ele faleceu.

Pois, saber que o paciente que você cuidou morreu é muito difícil vê-lo sem vida. Por mais que você tenha feito tudo pelo paciente, mesmo diante de toda a sua competência, mas é um fracasso para você a morte. Embora a morte seja uma coisa natural da vida que todo mundo um dia vai ter que passar.

Cada um de nós veio para este mundo com uma tarefa a ser cumprida, acredito que designada por Deus, mas que pode ser totalmente influenciada ou modificada pelo nosso livre arbítrio.

Terminando... o que não se finaliza...

Atualmente, as discussões sobre a formação dos profissionais em saúde, dentre eles a da enfermeira, estão centradas em temáticas que possibilitam agregar duas áreas: educação e saúde, que têm avançado em relação às discussões sobre as inovações tecnológicas e as metodologias educacionais ativas, que são importantes. Contudo, anterior a todas essas questões de métodos e técnicas educacionais, há necessidade de se discutir a educação e a formação, absorvendo o valiosíssimo patrimônio cultural para reflexão sobre: Filosofia, Ética, Estética,

Poesia, Literatura e outros conhecimentos que perpassam o processo histórico da humanidade. Esses conhecimentos possibilitam a aquisição de reflexão sobre aquilo que somos com vista àquilo que pretendemos tornar na contemporaneidade, para além do tecnicismo e de uma formação profissionalizante.

Nietzsche (2008) foi um árduo crítico da cultura alemã, seu entendimento de cultura não visa como utilidade à formação intelectual nem os saberes que sustentam as profissões, mas abarca um conjunto de atividades humanas criativas, que têm como meta a superação do homem. O filósofo não crê no progresso da humanidade e, nesse sentido, a sua filosofia caminha para a constituição de si, num processo de individuação que busca a superação e não a ascensão da humanidade como um todo. Assim, o fato de ter aprendido muito numa determinada área do conhecimento não é garantia de transvalorar o processo civilizatório, visto que a necessidade e a utilidade, que movem os processos formativos educacionais, têm promovido uma verdadeira contradição por reproduzirem a barbárie. Um exemplo disso são os noticiários recheados de fatos que vão contra a vida, principalmente quando se atesta a precariedade de todas as ordens no atendimento aos serviços de saúde, o que denota a doença impregnada no processo civilizatório da humanidade de se pensar e de se fazer saúde.

Nietzsche deixou um grande ensinamento em relação à vida, à doença, ao corpo, à saúde, cuja lição precisa ser experimentada como uma forma estética para a vida, tanto para os momentos de felicidade plena quanto para os momentos tristes, tenebrosos e de desespero. Ele ensina-nos a amar o nosso destino – *amor fati*, que é a fórmula para a grandeza no homem. O amor de fato pela vida não diz respeito à passividade frente à vida, mas envolve uma estética de si, força e potência a fim de transvalorar o sentido que nos é dado para as coisas, o qual pacificamente nos consola com o dito: foi assim!

Não podemos esquecer que somos herdeiros de Sócrates, o filósofo que privilegiou a racionalidade, fomentando a esperança no conhecimento científico em detrimento à vida. E Nietzsche (1995), em *Ecce Homo*, alerta-nos: «A “racionalidade” a todo preço como força perigosa, solapadora da vida!» Com isso, o filósofo volta-se para as consequências da busca ilimitada pelo conhecimento, que ele considera como sintoma de uma cultura doente, por fragilizar a força e a potência que protegem a vida.

Também somos herdeiros de uma estética socrática que nega a vida por acreditar num mundo suprassensível que apazigua o sofrimento da existência. Talvez seja preciso revigorar o sentido do trágico na vivência, no vivido da enfermeira para resgatar o *humano, demasiadamente humano*, como forma estética de se fazer saúde, mobilizar cuidado com o outro, mesmo que a vida nos meandros institucionais de saúde se apresente como um permanente embate na emergência de um horizonte ameaçador, pois há também um regozijo de esperança e de alegria. Contudo, o anúncio do trágico na formação é um tanto silencioso... sem

alarde, porque prescinde da abertura para o inusitado, diferente, pois a sua meta não é estabelecer um novo padrão de homogeneidade, identidade. Porque a formação liberta dos ideais ascéticos não tem fórmula, anúncio de práticas metodológicas inovadoras da educação, não se comporta num currículo operacionalizador de profissões, não renova tecnologia e nem se presta a utilidade e finalidade para práticas de ensino pré-fabricadas, pois ela prescinde da vontade de potência de dizer sim à vida.

E a formação em enfermagem é tecida pela rede capilar de corpos, afetos e potência cuja ressignificação do vivido, da vida pode acontecer. E, caso queiramos tornar o corpo uma relação efetiva com a vida, no processo de educação e saúde, outra forma de agenciamento precisa ser re-potencializada. Não se trata de melhoramento de uma formação antiga ou caduca, pois uma formação educacional não é um aperfeiçoamento *continuum*. A formação em saúde traz de maneira vivificada a marca do *bios*-corpo e sua contingência, sua impermanência, que é um convite para escutar sob um novo viés, não mais fixo pelo princípio da identidade platônica, da clivagem cartesiana e dos processos de subjetivação da modernidade, mas pela potencialidade na imanência onde se traduz a diferença e que, por certo, se funde no princípio de alteridade.

E é nessa constante ambiguidade que se encontra o vivido do enfermeiro durante o seu processo de formação, em oscilação entre o singular e o universal, o trágico e o drama, o cotidiano e o inesperado, o natural e o técnico, o afeto e o científico, em meio paradoxal. Contudo, é nessas contradições que, com as suas próprias ressonâncias, ecoa o vivido que são pontos fluidos, fluxos, devires... vidas... que se precisam ressaltar, embora como *rastros* que já passaram...

Correspondência: Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Enfermagem, Avenida Fernando Corrêa s/nº, Mato Grosso-Cuiabá – Brasil
E-mail: maau123@ig.com.br

Referências bibliográficas

- Artaud, Antonin (1975). *Para terminar con el juicio de dios y otros poemas*. Buenos Aires: Ediciones Caldeón.
- Barrenechea, Miguel A de. (2011). Nietzsche cientista? In Miguel A de Barrenechea (Org.), *Nietzsche e as Ciências* (pp. 30-45). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Bauman, Zygmunt (1998). *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Brum, José Thomaz (1986). *Nietzsche: As artes do intelecto*. São Paulo: Editora L & PM.
- Camus, Alberto (2002). *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Canguilhem, Georges (2010). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Deleuze, Gilles (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34.
- Derrida, Jacques (2009). *Otobiografias: La enseñanza de Nietzsche, y la política del nombre próprio*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Espinoza, Baruch de (2004). *Ética*. São Paulo: Abril Cultural.
- Fink, Eugene (1985). Nova experiência do mundo em Nietzsche. In Scarlett Marton (Org.), *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy* (pp. 169-192). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Foucault, Michel (1998). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Florence Universitária.
- Gestaldo, Denise M., & Meyer, Dagmar E. (1989). A formação da enfermeira: Ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*, 42(1), 7-13.
- Jaeger, Werner (1994). *Paidéia: A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kruse, Maria Henriqueta (2006). Enfermagem moderna: A ordem do cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*, 59(1), 403-410.
- Marton, Scarlett (1986). *Friedrich Nietzsche: Uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.
- Marton, Scharlett (2010). *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla.
- Nietzsche, Friedrich (1995). *Ecce homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Monteiro, Silas B. (2006). Para além do discurso, a escuta das vivências: Uma investigação otobiográfica. In Selama Guarrido Pimenta, Evandro Ghedin, & Amélia Santoro Franco (Orgs), *Pesquisa em educação: Alternativas investigativas com objetos complexos* (pp. 93-115). São Paulo: Edições Loyola.
- Nietzsche, Friedrich (1998). *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, Friedrich (2001a). *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, Friedrich (2001b). *Além do bem e do mal*. Curitiba: Hemus.
- Nietzsche, Friedrich (2004). *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, Friedrich (2006). *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, Friedrich (2008). *Primeira consideração intempestiva: David Strauss sectário e escritor*. São Paulo: Editora Escala.
- Nietzsche, Friedrich (2009). *Wagner em Baureuth: Quarta consideração extemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nietzsche, Friedrich (2011). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Platão (1979). *Fédon*. Rio de Janeiro: Abril Cultural.
- Rocha, Sílvia Veloso (2011). O niilismo é algo que não se cura: Notas sobre a grande saúde. In Miguel A. de Barrenchea et al., *Nietzsche e as ciências* (pp. 71-85). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Rosset, Clément (1989). *O princípio de crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Zoja, Luigi (2000). *História da arrogância*. São Paulo: Axis Mundi.
- Wotling, Patrick (2011). *Vocabulário de Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.